



Preso no avião
em queda, o piloto
tinha apenas...

4 segundos para viver

POR JOHN DYSON

Erguendo uma nuvem de poeira atrás da cauda, o Cessna 208 sacolejou pela pista de terra e decolou rumo ao céu azul, ao norte de Melbourne, Austrália. Barry Dawson ajustou os manetes para obter a melhor velocidade de subida. *Bom garoto*, pensou.

Forte e esguio, vestindo *jeans*, pulôver e botas de vaqueiro, Dawson, 31 anos, já havia feito

dez vôos até o início da tarde de 29 de abril de 2001. Agora, enquanto o pequeno avião subia, sobrevoando a região agrícola de Victoria, pontilhada de lagos e trechos de mata, dez pára-quedistas, vestidos com macacões coloridos e capacetes, aglomeravam-se no piso do avião, aguardando o momento de saltar. Outro se encontrava sentado ao lado de Dawson. Ao alcançar 14 mil pés, a porta rolante seria aberta e todos mergulhariam em queda livre rumo à área de salto em Nagambie.

Dawson olhava o cenário lá embaixo. O grande galpão de ferro era o local onde os pára-quedistas dobravam os pára-quedas ao som estridente de música *pop*; outros se espalhavam em cadeiras de acampamento sob um toldo. Em alguma parte no amontoado de *trailers*, sua companheira, Dawn Howard, preparava um assado no forno.

Dawson sentiu o pára-quedas pressionar-lhe os rins. Os pilotos raramente os usavam, mas Dawn encomendou um pára-quedas estreito, feito sob medida, depois do nascimento da filha deles, Crystal. “Sem desculpas! Você vai usá-lo”, Dawn insistiu até que ele concordasse.

ASSIM QUE alcançaram 11 mil pés, os pára-quedistas ajoelharam-se e começaram a checar os equipamentos uns dos outros. Barulho e ar gelado inva-

diram a cabine quando a porta, feita de painéis de Perspex, foi lentamente enrolada para cima. “Falta um minuto!”, gritou Dawson, quando o ponteiro do altímetro no painel de controle se aproximou dos 14 mil pés. Os pára-quedistas ajustaram os óculos e assumiram suas respectivas posições.

Simon Chaberka, 28 anos, pendurou-se no pequeno degrau do lado externo do avião. Com uma minicâmera de vídeo digital instalada no capacete, a função de Chaberka era filmar os quatro membros da equipe de pára-quedismo “Fetish” que se amontoavam em suas posições no vão da porta. A equipe terminara em quinto lugar no último campeonato nacional e agora estava no fim de uma semana de treinamento para a próxima competição.

Agachado na soleira e de costas para fora, Simon Moline, 31 anos, apoiou-se contra a parte superior da porta, seus companheiros de equipe de pé, em posições preestabelecidas ao redor dele. Na fila para saltar depois do grupo, havia um aluno francês, com dois instrutores, e dois pára-quedistas que fariam saltos solo.

Faltando 1,5 quilômetro, Dawson reduziu a velocidade do avião para 148 km/h. Tudo parecia bem, mas, despercebido por todos na tensão que antecede o salto, o pino de abertura do pára-quedas reserva de Moline pendia fora do encaixe.

Dawson dirigiu-se a Craig Ben-

“Saltem!”, gritava o piloto. **Em 62**



O pára-quedas reserva de Moline começa a se abrir.

nett, 38 anos, no assento a seu lado.

- Bom salto!

- Obrigado pela carona! - disse Bennett, rindo para o amigo, enquanto soltava o cinto de segurança.

Voando exatamente sobre a área de salto, Dawson acionou um interruptor e a luz da cabine ficou verde.

Assim que Chaberka saltou do vão da porta, algo branco passou voando por seu rosto. Ele olhou para trás e viu, horrorizado, Moline balançando pendurado na cauda do avião. Seu pára-quedas reserva tinha aberto no instante que ele saltou, arrastando-o e causando-lhe um ferimento fatal quando a cabeça bateu na cauda.

Parcialmente inflado, o pára-quedas de Moline agia agora como um

potente freio para o avião. Bennett chocou-se contra o pára-brisa, caindo sobre o painel de instrumentos.

Dawson, atirado para a frente mas preso pelo cinto, soube de imediato o que havia acontecido. Rezou para que o pára-quedista conseguisse se soltar da cauda; nesse momento, porém, o avião reduziu drasticamente a velocidade e começou a cair.

Dawson lutou para controlar o aparelho, girando com violência o *manche* para manter as asas niveladas. "Pulem!", gritava ele aos outros. "Pulem!" Em 62 segundos, o avião colidiria contra o solo.

Os CINCO pára-quedistas atrás de Dawson e Bennett eram jogados

segundos o avião atingiria o solo.

Ele viu uma escura linha roxa – a

contra as laterais, o chão e o teto. Um deles avançou para a porta como se estivesse dando um salto mortal em uma piscina. Outro foi atirado estatelado, com o instrutor Nathan Gough por cima. Gough ajoelhou-se, empurrou o outro homem para o espaço e depois o seguiu.

Enquanto isso, na fuselagem próxima da cauda, rebites saltavam de seus encaixes com estampidos semelhantes a tiros. Cabos ligados aos controles da cauda foram se rompendo um a um. Ouviu-se um ruído estridente de metal partindo. Bennett desgrudou-se do painel de controle e, ao olhar para trás, viu a cauda inteira balançando de um lado para o outro. Com um estrondo, ela finalmente se partiu.

Em queda livre, Chaberka viu o avião entrar subitamente em espiral e vir em sua direção. Com medo de ser atingido, arqueou o corpo para se desviar. Chaberka havia visto a maioria da equipe saltar. Mas, enquanto o avião zunia em direção ao solo, deu-se conta de que Dawson e possivelmente outros ainda estavam em seu interior.

DAWSON GRITOU para que Bennett saísse, enquanto tentava nivelar as asas. Bennett atirou-se em direção à porta e, momentaneamente sem peso, voou na direção dela.

Agarrando a beirada da porta, lançou-se para fora, mas, quando o

avião se afastou em parafuso, um pensamento o assaltou: *Será que Dawson estava usando pára-quedas?*

49 segundos! Dawson apertou o botão do rádio. “*Mayday! Mayday!*” No entanto, não havia tempo para aguardar a resposta; o avião já caíra para 9 mil pés. Mesmo assim, Dawson seguiu os procedimentos de emergência, desligando o motor para fechar a saída de combustível. Agora precisava saltar.

Rastejando de seu assento, agachou-se sobre o painel de instrumentos, erguendo os olhos para a porta, três metros acima. Sem mãos firmes nos controles, o movimento em espiral do Cessna aumentou imediatamente. Ao mesmo tempo, o avião virou quase de dorso e depois retornou à posição anterior.

Esticando-se para alcançar o beiral da porta, Dawson se atirou, mas foi jogado de volta. Nesse instante ouviu um estampido seco. A porta de correr havia se fechado! Praguejou em voz alta. Estava trancado ali. Preso. Para piorar, espremido entre os encostos dos assentos, os pés tinham se enredado nos comandos do avião. Uma dor lancinante atingiu suas costelas de um lado. Atordoado, Dawson recuperou o fôlego.

37 segundos! A força centrífuga do avião em parafuso imobilizou Dawson no lugar, prendendo-o co-

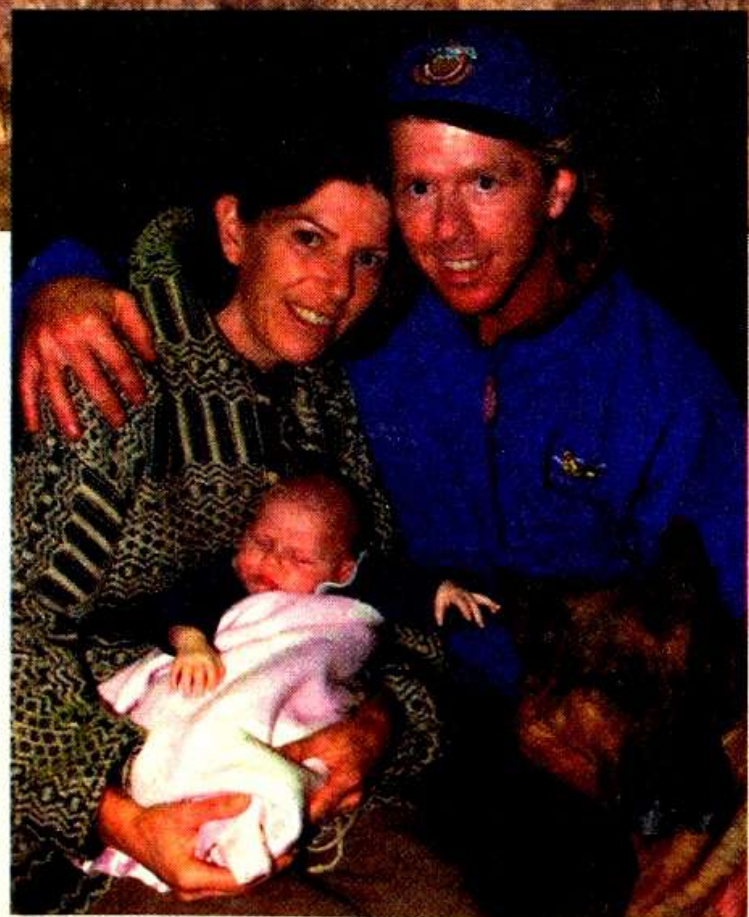


Felizmente, o piloto Barry Dawson, aqui com a companheira, Dawn, e a filha, Crystal, usava um pára-quedas no momento da queda do avião.

7 segundos! Deitado de costas com a cabeça para fora, Dawson conseguiu enfiar as duas mãos sob a porta que se fechava sobre seu peito. Empurrando-a, esgueirou-se como um réptil por baixo dela. A mil pés, desvencilhou-se, enquanto o avião despencava abaixo dele.

4 segundos! Usando habilidades de pára-quedista, Dawson virou-se de bruços, estendendo braços e pernas para se estabilizar.

Puxou o punho de acionamento e o pára-quedas vermelho e verde



abriu-se subitamente atrás dele com um estalo.

O mergulho de cabeça de Dawson foi detido a apenas 500 pés do solo. Agora ele caía, à deriva, a uma suave velocidade de 64 km/h.

Ele viu rostos assustados voltados para cima, fitando-o. Algumas pessoas corriam, enquanto o avião se chocava contra o solo e explodia. Duas bolas de fogo saltaram na direção dele, e em seguida Dawson ouviu o estrondo do impacto.

Manobrando com destreza o pára-quedas, ele oscilou atrás da coluna de fumaça e pousou de pé antes dos outros. Recolhendo o pára-quedas, saiu caminhando do meio da fumaça do avião destroçado, com uma costela quebrada, um ombro lesionado e sem uma bota.

As pessoas que correram na direção dos destroços o abraçaram incrédulas.

– Pensamos que você tivesse morrido! – gritavam.

Dawn o avistou e, soluçando de alívio, Dawson a abraçou.

– O pára-quedas me salvou! – disse a ela.

Os outros pára-quedistas pousaram em segurança, desfiando elogios à habilidade e à coragem do piloto. “Dawson salvou nossas vidas. Ele foi fantástico!”, diz o instrutor Nathan Gough.

DANDO O TOM



O Clube Automobilístico Real Britânico criou uma lista mostrando o que a cor do carro diz a respeito do dono. Eis o que o seu veículo transmite sobre você:

Preto: É ambicioso e busca *status*.

Verde: É muito tradicional e elitista.

Azul: Trabalha bem em equipe e é sociável.

Branco: Reservado, cuidadoso e metódico.

Cinza: Sóbrio e precavido.

Prata: Tem estilo, mas pode ser pretensioso.

Vermelho: É sociável, impulsivo e se entedia com facilidade.

Chicago Sun-Times

NA CARA

Durante um de meus passeios matinais de bicicleta, pedalando por uma estrada num dia frio, um nevoeiro espesso começou a prejudicar a visibilidade. Logo eu não conseguia enxergar mais de um metro adiante, então diminuí a velocidade o mais que pude, ajustei os óculos e continuei por mais alguns quilômetros, olhando sempre à frente para não sair do caminho.

Ao chegar a uma subida íngreme, fui obrigado a olhar por cima dos óculos e, para minha surpresa, não havia nevoeiro algum. Eram meus óculos que estavam embaçados!

JOSÉ MUÑOZ, Colômbia